



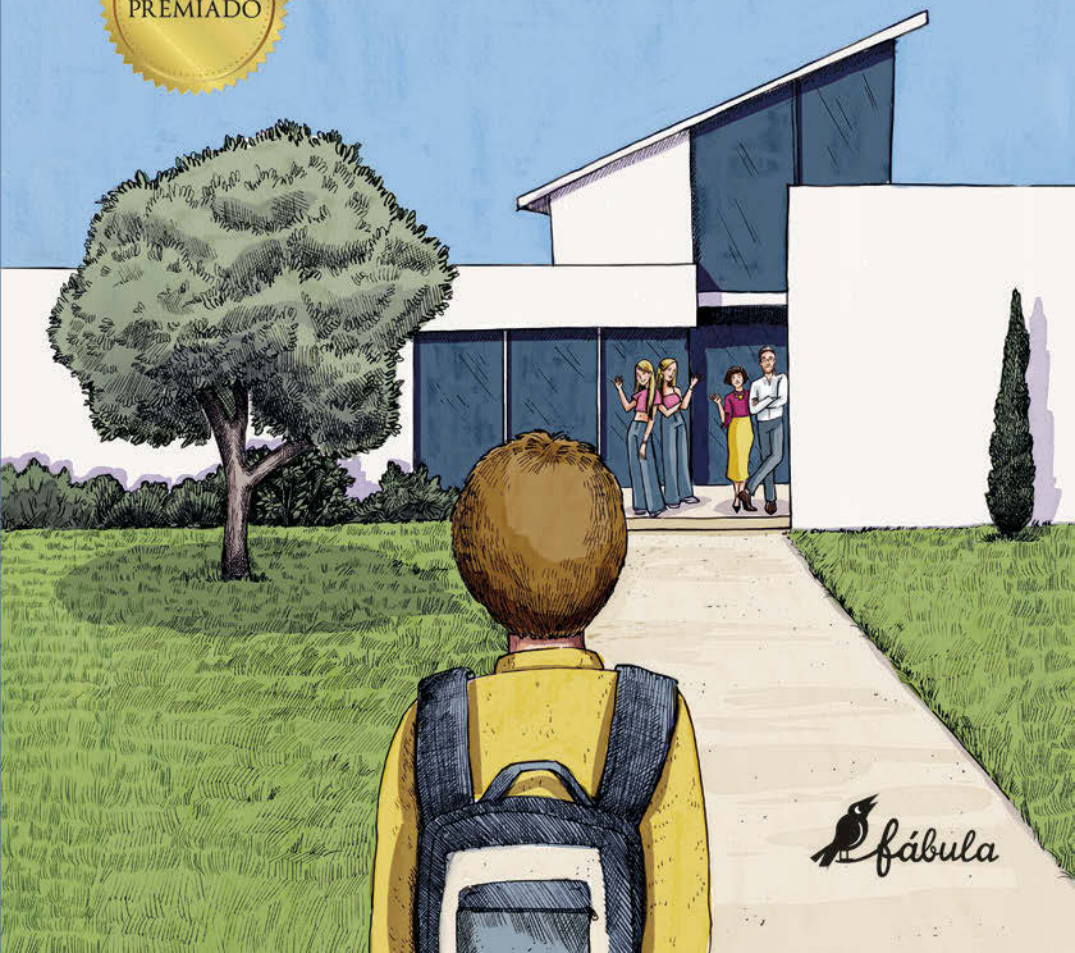
COLEÇÃO ESTRELAS DA LITERATURA JUVENIL



Rodrigo Muñoz Avia

OS PERFEITOS

LIVRO
PREMIADO



 fábula

Índice

Capítulo Um	7
Capítulo Dois	9
Capítulo Três	15
Capítulo Quatro	21
Capítulo Cinco	29
Capítulo Seis	37
Capítulo Sete	43
Capítulo Oito	53
Capítulo Nove	61
Capítulo Dez	71
Capítulo Onze	81
Capítulo Doze	91
Capítulo Treze	103
Capítulo Catorze	119

Capítulo Um

Não quero que me respondas.

Só quero que penses sobre isso.

Que penses na tua família. Nos teus pais. Nos teus irmãos.

Pensa neles.

Reflete.

Já sei que os teus pais são boas pessoas, já sei que tens uma opinião muito favorável sobre os teus irmãos.

Mas tens de admitir: têm os seus defeitos.

Defeitozinhos.

Coisas sem importância.

Como enfiarem o dedo no nariz, sorverem a sopa ou quererem sempre ver um canal de televisão diferente daquele que estás a ver.

O que quer que seja, mas defeitos.

Porque todas as famílias do mundo têm os seus defeitos.

Menos a minha.

Os meus pais não têm defeitos.

As minhas irmãs também não.

São todos simplesmente perfeitos.

Eu não.

Chamo-me Álex, vivo na rua Agrimensor, n.º 5, e nos últimos testes tive negativa em duas disciplinas.

Espanhol e Matemática.

Duas negas, como dois tomates podres.

Capítulo Dois

Já o disse, mas vou repetir: chamo-me Álex.

Disse isto para me concentrar, porque às vezes é-me difícil saber exatamente o que quero dizer. A minha professora de Espanhol diz que, quando queremos organizar as ideias, devemos usar uma linguagem esquemática, direta e clara.

É estranho, mas funciona.

Não sei bem porquê, mas o que acontece é que as ideias costumam desorganizar-se muito na cabeça e, falando assim, organizam-se.

O problema é quando nem sequer tens ideias na cabeça. Foi o que me aconteceu no último teste de Espanhol. Por mais que tentasse ser esquemático, direto e claro, não me ocorria nada para dizer, porque não me lembrava de nada do que tínhamos dado nas aulas nem do que estava no manual, partindo do pressuposto de que temos manual de Língua Espanhola, o que, para dizer a verdade, agora não tenho bem a certeza.

Quero que vejas a minha família.

Que a conheças.

Já te disse que são perfeitos, mas isso não é suficiente, tens de os ver.

Os meus pais chamam-se Pe e Zeta. Bem, na realidade esses não são os seus nomes, mas toda a gente lhes chama assim. O estranho é que as minhas irmãs e eu também o fazamos.

Na nossa casa, nunca ouvirás dizer «papá» ou «mamã».

Chamamos Pe ao meu pai, porque o apelido dele é Pérez, e à minha mãe, Zeta, porque o apelido dela é Zúñiga*.

O Pe e a Zeta nunca se zangam. São muito acessíveis. Nunca levantam a voz. Gostam muito de fazer piadas e de rebolar na relva connosco.

A nossa casa foi projetada por eles próprios. A casa tem dois andares. O jardim tem duas plantas: uma árvore raquítica num canto e outra maior noutro canto.

O Pe e a Zeta gostam de espaços muito vazios. O chão da sala é de madeira usada para construção de barcos e não tem nada em cima. Não sei para que queremos uma sala se só a usamos para passar para o jardim, onde também não há nada, além de duas plantas.

Mas as pessoas que visitam a nossa casa adoram que a sala esteja assim vazia. Quando és visita, tudo bem com o facto de as casas estarem meio vazias. Mas quando vives nelas é diferente. O Pe diz sempre que não seria mau ter

* Pe e Zeta são o equivalente em português a chamarem-se Pê e Zê. São o correspondente fonético das iniciais dos seus apelidos espanhóis.
[N. T.]

um sofá além daquele que já lá está, a um dos cantos, mas a Zeta responde que não está disposta a transformar a casa num sótão.

A nossa casa já apareceu em várias revistas de decoração.

Curiosamente, a Zeta, que é decoradora, trabalha para todas essas revistas de decoração. O trabalho dela é um achado: consiste em visitar casas bonitas, tirar-lhes fotografias e depois escrever sobre elas.

O Pe é físico. Físico teórico. A sua especialidade chama-se mecânica de fluidos. Tem um monte de pessoas a trabalhar para ele na universidade, e fazem investigação sobre como engrossar a maionese e coisas assim. Tudo isso é pesquisado através de cálculos matemáticos. O trabalho do Pe consiste em investigar, mas investiga sempre no seu gabinete, com o computador à frente.

Acho que ele não está muito contente por eu ter tido negativa em Matemática.

O Pe e a Zeta não fumam. Se há coisa que não suportam é o cheiro a tabaco. Têm muitos amigos e fazem jantares lá em casa quase todos os fins de semana, mas ninguém fuma. Quando vejo a Zeta a espalhar velas redondas pelo jardim e a preparar saladas de todas as cores, já sei que têm convidados. Nos jantares deles, há gente que fala em inglês e em francês. O Pe e a Zeta também falam nessas línguas.

Os seus amigos são daqueles que, se te veem, te cumprimentam e te fazem perguntas. Por exemplo, a mim perguntam-me sempre se vou ser tão esperto como as minhas irmãs.

Por isso, nessas noites, prefiro ficar no quarto do Pe e da Zeta a ver televisão, o que, ao fim e ao cabo, é o que faço todas as noites.

Pode parecer-te estranho, porque parece a toda a gente, mas na minha casa a televisão não está na sala, mas sim no quarto do Pe e da Zeta. O quarto deles é como a sala de estar da nossa casa. Às vezes, ficamos os cinco deitados na cama a ver uma série espanhola. Veem-se muitos pés, muitas meias e, por trás, a televisão.

Em casa, adoramos andar de meias.

Bem, eu nem tanto, mas os outros sim.

O Pe e a Zeta são muito organizados e não suportam que deixemos roupa ou brinquedos espalhados pelo chão. Eu acho que preocupares-te muito com a arrumação não é bom, porque pode acabar por se tornar uma obsessão. Mas quando todas as pessoas à tua volta são tão arrumadas como na minha família, é quase impossível não ser desarrumado, mesmo que seja só um bocadinho.

Eu sou um bocadinho desarrumado.

Às vezes, sinto-me mal por isso. Não preciso que ninguém me diga nada. Vejo as minhas sapatilhas atiradas para o meio do quarto e causa-me uma sensação tão estranha como ver o osso de uma costeleta em cima de uma mesa de bilhar.

As minhas irmãs chamam-se Delia e Silvia e medem cerca de 1,80 m as duas. Têm 15 e 14 anos, ou seja, só têm quatro e três anos a mais do que eu. Não são gémeas, mas parecem. Na escola há quem lhes chame as torres gémeas, embora elas não gostem nada disso, por causa do

que aconteceu com as Torres Gêmeas de Nova Iorque e isso tudo.

Ninguém na nossa escola (refiro-me às raparigas) tem o cabelo tão comprido e tão liso como elas. E os rapazes também não. As minhas irmãs são tão inteligentes e tão bonitas que todos querem sair com elas, embora elas quase nunca saiam com ninguém e o que mais gostam é de estar no quarto a ler, a estudar e a pentear-se.

A Delia e a Silvia, como são raparigas, têm uma casa de banho só para elas. Dizem que sou eu que tenho uma casa de banho só para mim, mas eu acho que não é verdade, porque a minha casa de banho fica no corredor e a delas fica dentro do quarto, o que é muito diferente.

Seja como for, nunca discutimos por coisas destas, porque cá em casa nunca discutimos. Não. Em casa somos carinhosos, sem sermos lamechas. Cá em casa reina a harmonia, como diz a Zeta. Para ela, a palavra «harmonia» é muito importante. Para o Pe também. Diz que a harmonia existe no Universo e que até se pode calcular em números.

Parece mentira, mas é assim: nada corre mal na nossa casa.

E se corre mal, o Pe e a Zeta resolvem tudo na hora. Se a máquina de lavar roupa avaria, por exemplo, chamam a *InstantRepar*, um serviço de reparação de eletrodomésticos do qual somos assinantes e que te garante que em menos de 24 horas tens o eletrodoméstico reparado. Não importa qual seja a avaria, eles vêm e consertam.

O Rafa Panocha diz que a minha família é demasiado perfeita.

O Rafa Panocha é o meu melhor amigo.

Diz que o irrita um bocado que os meus pais sejam tão simpáticos e modernos, e que as minhas irmãs sejam tão bonitas e inteligentes.

E que eu não sou como os outros membros da minha família. Que sou o único que se aproveita. O Rafa adora pessoas com defeitos. É uma mania que ele tem: não suporta a perfeição.

É verdade que, às vezes, deixo o lavatório sujo de pasta de dentes.

E que entre tomar banho todas as noites e não tomar banho praticamente nenhuma noite, prefiro claramente a segunda opção.

E que às vezes grito de um quarto para outro, porque é muito prático, embora em minha casa ninguém o faça.

E que ocasionalmente não começo as frases com «por favor» nem as termino com «obrigado».

E que uma ocasião ou outra não respeito a minha vez quando o caixa do supermercado diz «podem passar a esta caixa», e aproveito a minha cara simpática para passar à frente de todos os que estavam à espera.

Enfim.

Acho que agora vou descansar um bocado.

De repente, cansei-me de tanto organizar as ideias. O que quero dizer é que agora não vou dizer exatamente o que deve ser dito, no momento em que deve ser dito, mas sim algo que não tem nada que ver, sem motivo algum, só porque me dá na telha.

Por exemplo, vou dizer: ketchup.



**Livros que te surpreendem pela história,
que te atraem pela imagem,
que te conquistam pela mensagem,
que se distinguem como estrelas brilhantes.**

LIVROS QUE FICAM PARA SEMPRE CONTIGO



**«Porque todas as famílias do mundo têm os seus defeitos.
Menos a minha. Os meus pais não têm defeitos.
As minhas irmãs também não.
São todos simplesmente perfeitos. Eu não.»**

Na casa de Álex, tudo parece perfeito. Os pais são elegantes e têm bons empregos, a casa é grande e está sempre arrumada, e só se come comida saudável. As irmãs de Álex são lindas, tiram notas excelentes e são populares na escola. Todos parecem sempre felizes.

No entanto, Álex sente-se mal por achar que é o único com defeitos e, desafiado pelo seu melhor amigo, o Rafa, decide espiar a família para descobrir se há falhas por detrás daquela aparência de perfeição.

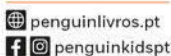
Num estilo direto e sincero sobre as suas ações e sentimentos, Álex conta como é ter de lidar com descobertas inesperadas e, finalmente, perceber que errar é normal e que o amor incondicional é o que nos salva.

Um livro terno e bem-humorado, com personagens cativantes, sobre a importância dos laços familiares e de amizade, que lembra que, afinal, são as imperfeições que nos tornam humanos.



Penguin
Random House
Grupo Editorial

Literatura Juvenil



11+

ISBN: 978-989-589-539-7



9

789895 895397